

RANSOME-WALLIS

UM FOTÓGRAFO ENTUSIASTA DOS CAMINHOS DE FERRO A CONHECER (I)

Texto de Jorge Bonito

1 Do fotógrafo

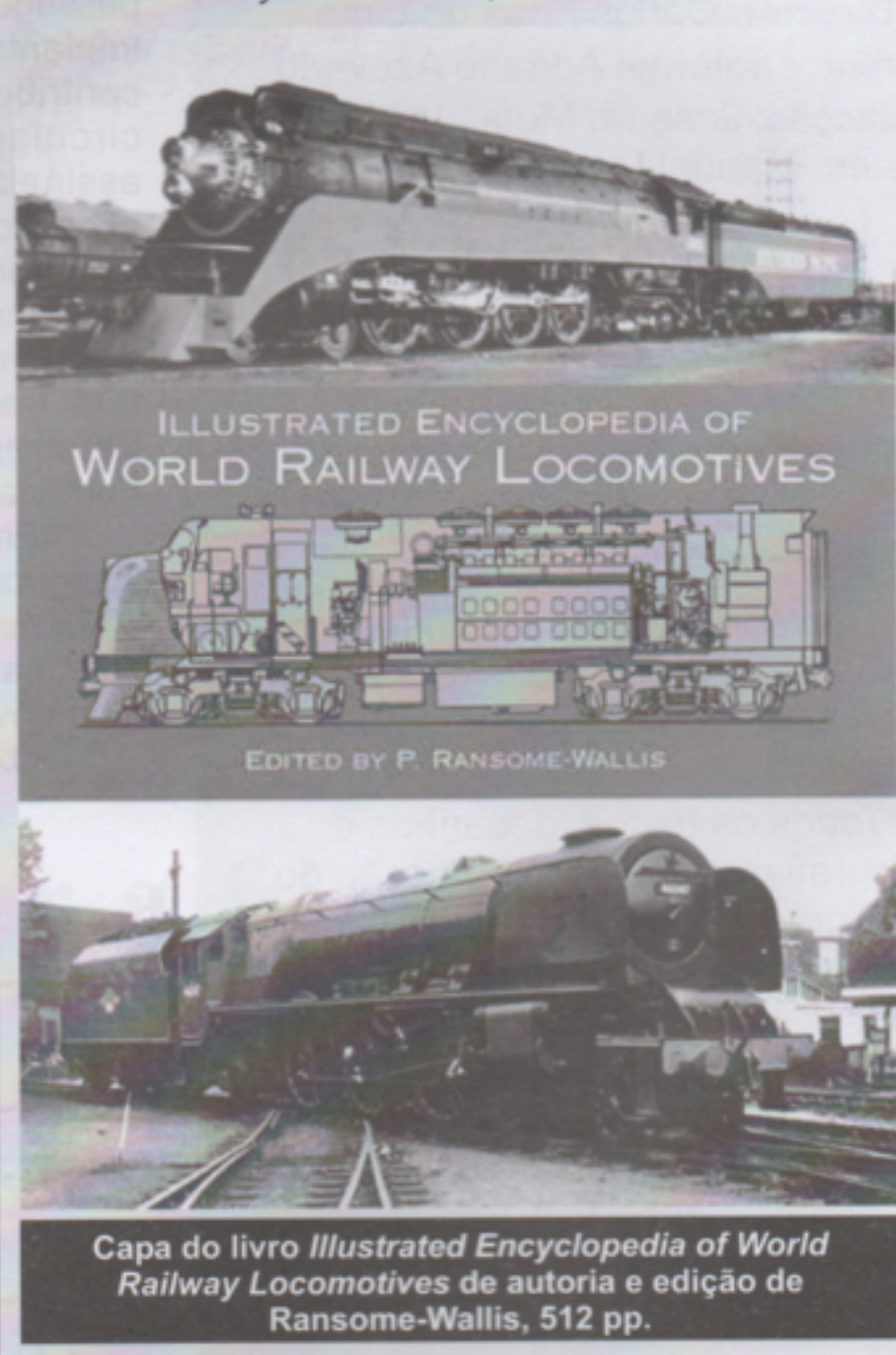
Por intermédio de uma amizade que desenvolvi na cidade do Funchal, chegou-me ao conhecimento o nome de Patrick Ransome-Wallis, que até aí não assumia qualquer significado para mim que mais não fosse a indiferença, ou a total falta de associação com o que mais me esforçasse em pensar. Não demorou muito tempo, porém, que Ransome-Wallis passasse a ocupar um espaço singular no meu tempo, através dos seus escritos, sentidos in loco nas múltiplas viagens que o seu trabalho o levou a fazer através do Mundo, e, como tal, na minha própria memória, em particular quando me ocupo de questões ligadas ao gosto ferroviário.

P. Ransome-Wallis foi um inglês entusiasta genuíno dos caminhos de ferro durante toda a sua vida. O seu grande desejo, a certo momento, era tornar-se aluno do Doncaster Works of the Great Northern Railway, mas as circunstâncias levaram-no a seguir a tradição familiar, e acabou por cursar medicina. O tranquilo gosto de Ransome-Wallis pelos caminhos de ferro, em particular pelas locomotivas a vapor, cresceu com os anos, tornando-se uma paixão diligente, de forma que com a sua câmara fotográfica conseguiu compilar uma colecção de cerca de 10 000 fotografias de locomotivas.

Por outro lado, Ransome-Wallis escreveu, também, trabalhos sobre navios e viagens marítimas, como, por exemplo, *Royal Navy* (1963), *North Atlantic Panorama 1900-1976* (1977), e *Merchant Ship Panorama* (1980), com base na sua experiência naval de comandante tenente-cirurgião. Nos anos de ouro da fotografia ferroviária, era feroz a competição entre fotógrafos, cada um com o seu próprio estilo e área de interesse. Enquanto muito do trabalho produzido não ultrapassava um padrão standard, outros, porém, denunciavam que o seu autor tinha particularidades únicas, que davam à imagem um aspecto vívido. Em 1922 Maurice Earley fundou a Railway Photographic Society, na qual os seus membros começaram a fazer circular os *prints* dos seus portefólios de fotografias de caminhos de ferro. Esta sociedade atraiu outros fotógrafos peritos entusiastas, cujos trabalhos se encontram representados nas colecções do National Railway Museum de York (Reino Unido), como são os casos dos considerados «mestres da história da fotografia dos caminhos de ferro»⁽¹⁾ H. Gordon Tidey, M. W. Earley, E. Treacy, C. C. B. Herbert, E. R. Wethersett e Ransome-Wallis.

Ransome-Wallis foi bem sucedido, igualmente, na construção de relações de amizade com funcionários dos caminhos de ferro onde quer que fosse, e, desse modo, encontrou uma forma simples de conseguir autorização para estar na plataforma das locomotivas, nas oficinas de engenharia, e numa panóplia de outros cobijados pontos privilegiados a partir dos quais exercitava as suas capacidades de observador e as suas competências como fotógrafo. Os seus livros são, precisamente, o testemunho destas experiências. Ransome-Wallis chegou a fazer uma construção terapêutica recomendada, certamente por ser médico, acerca do papel de um hobby na vida de um homem, colocando em plano de generalização o que sentia

Os trabalhos fotográficos de Ransome-Wallis, no Reino Unido, ficaram largamente conhecidos através de obras que escreveu, entre as quais se destacam *On railways at home and abroad* (1951); *Men of Footplate* (1954); *On Engines in Britain and France* (1957); *The Last Steam Locomotives of Western Europe* (1963); *World's Smallest Public Railway (Romney, Hythe and Dymchurch Light Railway)* (1968); *Train Ferries of Western Europe* (1968); *Southern Album* (1968); *Preserved Steam Locomotives of Western Europe* (1971); *The Last Steam Locomotives of British Railways* (2.ª ed., 1973); *Famous Railway Photographers - P. Ransome-Wallis* (1973); *Locomotives & Trains of the Big Four* (1978); *Roaming the Southern Rails* (1979); *Locomotives Through the Lens*; *Illustrated Encyclopedia of World Railway Locomotives*, entre outras.



Capa do livro *Illustrated Encyclopedia of World Railway Locomotives* de autoria e edição de Ransome-Wallis, 512 pp.

(1) Dr. Robert Legatt, membro da *Royal Photographic Society*, autor da obra *Photography in School: a guide for teachers*, publicada pelo Argus Press, e do sítio na web *A History of Photography from its beginnings till the 1920s*, colocado on-line em 1995, não faz referência alguma ao nome de Ransome-Wallis na sua página «*Significant people*». Não nos deixa de intrigar que o *master railway photographer* Ransome-Wallis não tenha significado algum para este membro da *Royal Photographic Society*.

sobre a influência do seu entusiasmo acerca de locomotivas na actividade clínica que exercia. E teceu alguns pormenores matrimoniais que optimizavam o desenvolvimento do hobby.

Quanto maior era a experiência de Ransome-Wallis como médico, mais estava convencido da necessidade de todas as pessoas terem um hobby. Não apenas como mera recreação, mas um hobby que pudesse tornar-se tão interessante e absorvente que as preocupações e frustrações do tempo em que viviam fossem completamente esquecidas. Em consequência, as tarefas diárias poderiam ser realizadas com prazer e fresco vigor, mental e físico, igual ao depositado no hobby. Ransome-Wallis dizia estar seguro que era melhor médico como resultado de algumas horas que utilizava em cada semana «perseguido locomotivas a vapor» - como a sua filha irreverenciosamente descrevia o seu hobby. Por esta única razão, Ransome-Wallis estava satisfeito por a engenharia de locomotivas nunca se ter tornado a sua profissão, pois, se assim fosse, o seu trabalho e o seu hobby ter-se-iam tornado sinónimos, e, em sua opinião, isso teria sido muito mau.

Ransome-Wallis considerou que havia uma condição básica que deveria ser respeitada para um ferrófilo obter o máximo do seu hobby - ter uma esposa que seja, em simultâneo, inteligente e generosa, que não faça objecções quando um olhar excêntrico de algumas pessoas se deixa ver acidentalmente para monopolizar o seu marido, continuamente, durante horas, conversando de coisas nas quais ela não tem amplidão de conhecimentos. A esposa do «entusiasta dos caminhos de ferro» deveria ser tolerante com o seu marido quando este regressa a casa, a horas tardias, cansado, sujo e satisfeito, cheio de apetite, e depois sai outra vez - desta vez no interior do seu laboratório para revelar as fotografias dos dias de viagem. Se ele não se sentir seguro como um modelo ideal, certamente deixará o seu entusiasmo, a menos que seja uma disposição suficientemente forte para trocar o amor que tem à sua mulher pelo amor que nutre pelas locomotivas. E Ransome-Wallis disse estar bem ciente do seu próprio bom destino.

2 A obra «On railways at home and abroad»

Ransome-Wallis teve muita sorte em poder viajar por um grande número de locais no mundo, e oportunidade de ver muitas locomotivas estrangeiras. A Segunda Guerra Mundial trouxe-lhe a excepcional ocasião favorável para observar os caminhos de ferro de África do Sul e da América do Norte, assim como alguns sistemas mais pequenos. Esta visão da diversidade do mundo ferroviário levou Ransome-Wallis a escrever aos ferrófilos britânicos:

«Perdeis a melhor parte do jogo, a nossa própria prática surge como verdadeira perspectiva apenas quando é comparada com o que se faz em outros países. Um estudo dos caminhos de ferro e das locomotivas estrangeiras pode ser feito em vossas próprias casas a partir de vários excelentes livros sobre o assunto. Necessitais depois de possuir o impulso para viajar, talvez apenas próximo do Canal, para realizar um estudo minucioso das atractivas riquezas dos caminhos de ferro, o qual é, no interior, fácil de alcançar.»

Ransome-Wallis descreve na obra *On railways at home and abroad* alguns dos eventos e das experiências mais proeminentes durante os seus trinta anos como ferrófilo. Sempre que possível, Ransome-Wallis escreve a partir de um ângulo pessoal e fá-lo seleccionando, com base num avultado número de notas e memórias, aquelas experiências que pensou serem mais interessantes e atractivas.

On railways at home and abroad encontra-se dividida em 5 partes, que percorrem as grandes viagens de Ransome-Wallis (Grã-Bretanha, Europa, África, Islândia, e América do Norte), e 17 capítulos, estes restritivos dos países visitados.

E é da viagem a Portugal que daremos conta num dos próximos números da revista *Bastão Piloto*. ■

Cecil J. Allen, autor de vários livros bem conhecidos sobre caminhos de ferro, escreveu no Prólogo de *On Railways at Home and Abroad*, em Fevereiro de 1951, que «Ransome-Wallis nas suas viagens desenvolveu uma profunda simpatia pelos caminhos de ferro, com uma mente bem informada, um olho observante, e, o mais valioso suplemento dos todos os três, uma câmara e uma não menor competência como fotógrafo».



O Expresso Kent Coast.
Por Patrick Ransome-Wallis (11861) - 1959
© National Railway Museum

Os trabalhos de Ransome-Wallis não poderão ser encarados como um tratado técnico ou uma enciclopédia ferroviária. São, antes, uma colecção de impressões, sobretudo de locomotivas, e de locomotivas em trabalho, em diversos países e em muitas diferentes situações, um esboço informativo, uma reminiscência agradável e infalivelmente interessante, escrita por quem está, obviamente, apaixonado pelo seu objecto. Toda a sua obra é vívida pela larga colecção das suas próprias fotografias ilustradas.



O Rei Henry III percorre o paredão marítimo em Dawlish, Devon.
Por Patrick Ransome-Wallis (10943, n.º 6025) - 1955
© National Railway Museum